

As caixas de papéis de Nilce Lea: memórias e escritas de uma simples professora?

Beatriz T. Daudt Fischer

Resumo

O artigo discorre sobre questionamentos desencadeados pela pesquisadora frente a documentos diversos, os quais lhe chegaram às mãos para eventual aproveitamento ou estudo. Sabendo muito pouco acerca da professora a quem tais papéis teriam pertencido, a autora decide repartir com os leitores seu próprio processo reflexivo. Perguntas emergem das múltiplas conexões que se estabelecem entre os materiais arquivados, permitindo antever alguns desafios no encaminhamento operacional bem como levantar suspeitas. A mulher que, ao longo dos anos, decidira preservar tais papéis, exerceu o magistério muito além da sala de aula, assumindo posições políticas significativas. Seus registros pessoais, embora raros e fragmentados, permitem não só visualizar um cenário político mais amplo, como insinuar sobre a existência de micropoderes em confronto no interior do movimento docente, no final da década de 70 do século XX.

Palavas-chave: escrita ordinária; arquivos pessoais; micro-história.

Resumen

El artículo discurre sobre procedimientos desencadenados por la investigadora frente a diversos documentos que llegaron a sus manos para un eventual aprovechamiento o análisis. Sabiendo muy poco acerca de la profesora a quien estos papeles habían pertenecido, la autora decide compartir con los lectores su propio proceso reflexivo. Algunas interrogantes emergen de las múltiples conexiones que se establecen entre estos materiales archivados, permitiendo prever algunos desafíos en el proceso operacional, así como levantar sospechas. La mujer que, a lo largo de los años, había decidido preservar tales documentos, ejerció el magisterio mucho más allá de la sala de aula, asumiendo posiciones políticas significativas. Sus registros personales, aunque raros y fragmentados, permiten no sólo visualizar un escenario político más amplio, sino que dejan entrever también, una insinuación sobre la existencia de micro-poderes confrontándose dentro del movimiento docente, en el final de los años 70 del siglo XX.

Palabras clave: escrita ordinaria; archivos personales; micro-história.

Esses moços
Pobres moços
Ah, se soubessem o que eu sei
Não amavam, não passavam
Aquilo que eu já passei
(...)
É que eu peço - a esses moços
Que acreditem em mim
Que eles julgam que um lindo futuro
Só o amor nesta vida conduz
Saibam que deixam o céu por ser escuro
E vão ao inferno à procura de luz
(Lupicínio Rodrigues)¹

Recebi de presente duas caixas com documentos que pertenceram a uma pessoa que partiu para a outra dimensão da vida. Sua neta, amiga de minha filha, ao comentar sobre as repartições que a família vinha fazendo, de objetos e pertences da querida avó, fez menção a "papéis e coisas de professora". A tal avó teria sido mestra ao longo de muitos anos. Minha filha - sabedora de meus interesses por "tudo que é papel antigo", tanto mais quando relacionados ao campo da educação - na mesma hora propôs que, caso não interessasse a ninguém da família, certamente este material poderia ser muito bem acolhido lá em casa.

Algumas semanas depois, recebo as tais caixas de papelão, não muito grandes (dimensões 0,30 x 0,20 x 0,15), dessas comuns normalmente reutilizadas em momentos de descarte ou de mudança. Curiosa, porém sem tempo algum para deter-me em analisar o conteúdo, abri e dei uma rápida olhada. Constatei que se tratava de papéis diversos, algumas pastas contendo folhas impressas, alguns certificados, publicações do CPERGS², recortes de jornal, cadernos, etc). Fiquei instigada em ali ficar, verificando com maior acuidade cada documento, porém as demais demandas não me permitiam.

Hoje, passado um ano, decido retornar àqueles achados. Não quero, porém, fazê-lo de forma corriqueira. Aquela caixa guarda fragmentos de uma história. Contém pedaços materializados de instantes vividos por uma professora, que por alguma razão decidiu não descartar tais lembranças. Papéis guardados por uma mulher que, segundo sei, gostava que seus pertences tivessem o encaminhamento devido³.

¹ Letra e música do compositor gaúcho (1914-1974), <http://www.dragonwill.com/mocos.html>
Acesso em 15/5/2004.

² Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Segundo contou sua neta, ao remexerem em seus pertences após seu falecimento, a família foi surpreendida por um documento onde ela própria havia listado vários objetos e, ao lado, o nome de quem deveria ser contemplado com cada um deles.

Assim, encaro a tal caixa quase como um tesouro. Silêncio e penso na mulher que teria sido Nilce Lea. Sim, este seu nome. E ao pensar nela como pessoa, dona daqueles papéis, decido que não posso reduzir esse momento a um mero processo técnico de investigação. Resolvo, pois, criar um clima especial para iniciar minha incursão, adentrando aquela caixa. Acendo um incenso, coloco música de fundo e, estendendo um grande pano no chão, começo o ritual.

Mas, o que tudo isso teria a ver com os versos de Lupicínio na introdução deste artigo? Acontece que, anteriormente, só o que eu sabia de Nilce Lea eram dois fatos contados por sua neta. Um deles é que seu esposo, Hamilton Chaves, havia sido braço direito de Brizola nos tempos da Legalidade – de fato, secretário de imprensa do governo do estado; o outro fato um tanto curioso: esta mulher odiava Lupicínio Rodrigues. E o motivo estaria diretamente relacionado à canção *Esses Moços*, que o compositor teria feito especialmente para o amigo Hamilton e sua noiva. Como os dois amigos eram boêmios da noite porto-alegrense, o compositor estaria, através destes versos, querendo demover Hamilton de um casamento que considerava precoce. Para melhor conhecer esta história, investiguei um pouco mais e, navegando, encontrei o seguinte:

Sou testemunha 'ocular' de como nasceu o samba ESSES MOÇOS, no início dos anos 40. O jornalista Hamilton Chaves, que depois veio a ser amigo pessoal e secretário da Imprensa do Gov. Leonel Brizola, começou a namorar uma loira "ragazza" filha de um casal Italiano residente 'a rua Duque de Caxias (Porto Alegre), que era percursor do então adolescente Hamilton. Lupi e Hamilton eram tão amigos que o último era chamado "o irmão branco de Lupicínio" que fez o samba a título de conselho para ele não casar. Claro que a namorada ficou uma fera, intrigou-se com Lupi, principalmente pelos versos que dizem 'deixam o céu por ser escuro e vão ao inferno 'a procura de luz'. O inferno no caso era ela, que deu ao Hamilton três lindos filhos, não perdoou o compositor e hoje, viúva, mora num belo apartamento no centro de Porto Alegre. Abdias Silva.⁴

Na verdade o próprio Lupicínio contou, de forma resumida, esta história numa crônica para o jornal Última Hora, de Porto Alegre, onde manteve uma coluna entre 1963 e 1964. *Sobre Esses Moços* ele escreve:

Publicarei a letra de uma música que escrevi para o meu amigo jornalista Hamilton Chaves quando há alguns anos atrás, resolveu casar-se. Julguei ser ele muito moço e resolvi dar-lhe um conselho

⁴ Cópia literal do site <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.9905/0918.html> Acesso em 15/5/2004.

para que não se casasse ainda, e o fiz com a letra desse samba (e aí Lupicínio transcreve a letra de Esses Moços, Pobre Moços)⁵.

Numa abordagem que pretende tratar de História da Educação, pode parecer um tanto fora de propósito apontar para episódios que mais parecem curiosidades de almanaque popular. Faço esta ponte, entretanto, ou seja, estou valendo-me de um fato aparentemente secundário, para iniciar meu processo de conhecimento sobre a mulher Nilce Lea.

Num primeiro momento o que me interessa como pesquisadora que tem dedicado estudos a trajetórias docentes (Fischer, 1999; 2004) é o fato de ela ter sido uma professora que guardou papéis relacionados a sua vida profissional. Mas quem foi esta mulher? Por que ela mereceria uma pesquisa? Vou em frente e o interesse por sua história aumenta na medida em que descubro que ela foi também uma ativa militante do CPERGS⁶. Ao mesmo tempo, instiga-me o fato de ter sido esposa de um homem importante, jornalista e político influente, que esteve ao lado do então governador Leonel Brizola, nos marcantes anos na década de 60 do século XX.

Volto às caixas e interrogo sobre que tipos de pistas tais guardados podem me dar. Em que sentido tal pesquisa pode contribuir para a história da educação entre nós? Mesmo na incerteza da relevância desta empreitada, decido ir em frente. Pretendendo exercitar minha prática de pesquisa a partir de documentos escritos dispersos, passo a esboçar algumas questões iniciais buscando saber quem foi Nilce Lea? Em que ano nasceu? Que idade tinha ao falecer? Em quais níveis de escolarização teria atuado? Foi professora de artes musicais (há dois cadernos com registros de atividades didáticas e canções infantis)? No campo político do Partido Trabalhista Brasileiro, foi mera "esposa de Hamilton Chaves", ou teria tido alguma participação importante nos movimentos daquela época? Por que teria guardado estes materiais e não outros? Haveria outros documentos a investigar? Onde? Que critérios a família teria utilizado para enviar-me estes?⁷

Dando, então, continuidade as minhas interrogações, começo a alinhar os primeiros pontos para um possível projeto de pesquisa: devo ou

⁵ Há uma coletânea, organizada pelo Lupicínio Filho, chamada Foi Assim (Editora L & PM, 1995), que contém uma seleção destas crônicas, onde ele conta a história de muitas músicas dele.

⁶ Ao comentar sobre esta pesquisa com uma colega que integrou a diretoria do CPERGS na década de 80, ela fez menção à Nilce Lea como ativa militante.

⁷ Soube pela neta que a família de Nilce Lea e Hamilton Chaves teria doado documentos e fotos para o Memorial da Legalidade, acervo que se encontra no Memorial do Rio Grande do Sul, Praça da Alfândega, Porto Alegre.

não cruzar os dados que sairão desta caixa com outras "descobertas" que posso vir a fazer através de outras fontes? Devo desde já buscar informações por via de depoimentos de seus amigos e familiares? Ou devo aguardar primeiro os resultados de minha incursão percorrendo cada página ou recorte abrigado nesta caixa? De questão em questão, vou encontrando motivos para persistir nesta aventura, tentando estruturar um caminho que permita recolher detalhes, garimpar vestígios, quem sabe meros traços secundários de uma vida enredada em outras vidas. Assim, em forma de microhistória, buscarei entrecruzar dados, decompondo tramas e construindo enredos possíveis, tentando descrever dinâmicas de um tempo não tão distante.

O ritual

A caixa: passo por ela, olho, dou voltas pela casa, encontro o que fazer, parecendo querer adiar aquele momento de, finalmente, desencadear o processo, penetrar naqueles documentos que não me pertencem – ou, sim, já são meus?

Só consigo iniciar a mexer no material quando descubro fazer disso um ritual quase sagrado. Decido estender um grande pano no chão. Depois me pergunto: por quê? Estaria erigindo ali uma espécie de altar? Ou aquele pano ali estava para garantir que nada, nenhum recorte de papel ali se perdesse? Na medida em que fui retirando da caixa cada um daqueles documentos, percebia-me como uma arqueóloga que não queria perder nenhum caquinho daquelas "cerâmicas em fragmentos".

As pastas e papéis: num primeiro momento decido que não posso perder a ordem de como os materiais estão ali aglutinados. Mas dou-me conta que talvez esta não tenha sido a forma como Nilce Lea os guardou. Pode ter sido a forma como filhas e netas os encaixotaram. Mesmo assim, decido mantê-los na mesma ordem. E vou inventando um jeito de registrar o que ali vou encontrando. Organizo pelo que chamei de "conjuntos" e vou listando um por um deles⁸.

Detenho-me mais tempo nos papéis referentes ao CPERGS. São eles que ocupam a maior parte das duas primeiras pastas. Ao lê-los mergulho nos anos 80 do recente século passado. De certa forma, reporto-me à minha própria história como professora que também lutou por tudo

⁸ Cada pasta constituiu-se de um conjunto; quando os materiais estavam soltos, tentei formar conjuntos por sua proximidade (constarem da mesma caixa e porque tinham um tema ou episódio comum).

que ali está contemplado em forma de *folders* anunciando conferências, de mosquitinhos com chamamentos para a greve, de impressos em *offset* resumindo dados da "realidade educacional brasileira", em forma de recortes de jornal a favor ou contra o movimento grevista, ou publicações do próprio Centro declarando os salários e sua histórica defasagem, ou ainda em anotações manuscritas por Nilce Lea a partir de reuniões que discutiam tudo isso. Mergulho, sim, em um tempo de lutas memoráveis entre governo e magistério⁹. Um tempo que era ainda de esperança. Em parte, vejo-me ali. Mas diferentes são as nossas instâncias de atuação: a minha e a da dona dessas caixas. Naquela época eu era mera professora pública estadual, participava do movimento do magistério a partir do ângulo da minha escola, acompanhando as decisões da categoria. Mas Nilce Lea, pelo que se pode ir depreendendo dos papéis preservados, integrava a comissão de frente na batalha, ou seja, exerceu funções diretamente relacionadas às mesas de decisão. Isso dá pra constatar não só pelos impressos que ali estão preservados, mas principalmente porque determinados escritos, ali misturados, explicitam suas ações concretas.

Há materiais, por exemplo, que indicam ter sido ela uma das responsáveis pelos registros manuscritos em certas reuniões de diretoria ou comissões, e depois, a responsável por datilografar (ou encaminhar para datilografia) o que antes estava em forma de rascunho. Há detalhamentos que chegam a explicitar os lugares e tempos que cada membro da diretoria ou autoridade convidada deverá ocupar e falar numa cerimônia de posse. Tudo leva a crer que teria sido vencedora a Chapa que ela defendia. Mas não fica evidente (pelo menos por estes primeiros materiais analisados) se ela tinha um cargo diretamente vinculado à nova diretoria. Há, inclusive, esboços com desenhos da mesa e dos lugares a serem ocupados por cada um dos seus integrantes. Depreende-se que tenha sido traçado por Nilce Lea, mas não há como fazer disso uma afirmação categórica.

Sigo em frente, remexo mais papéis e encontro materiais de Congressos Nacionais, onde é possível verificar a presença ativa de Nilce Lea, especialmente pelos manuscritos que foi traçando nas margens das folhas impressas, ou em alguns papéis soltos, onde algumas conclusões e encaminhamentos foram registrados por sua própria mão.

A caixa revela também documentos e certificado de participação em um Congresso Internacional de Professores, realizado no Panamá em 1981. Neste, assim como nos congressos nacionais, ela foi delegada com direito a voto. Isso fica explicitado por diversos documentos e também

⁹ Já sem incenso, e relaxando no ritual, decido ligar a TV para ver o noticiário. Incrível coincidência: lá estão as professoras estaduais, portando sinetas na mão, em frente ao palácio do Governo, reivindicando as promessas feitas (14/5/2004).

pelos crachás, que ela guardou inclusive com os próprios alfinetes de segurança que os fixavam.

Adiante, pelos materiais que vou encontrando, percebo claramente que ali estão vestígios da existência uma mulher defensora de uma ideologia, o socialismo, conforme revela o conteúdo da *Pasta do Primeiro Seminário do Movimento do Professor Socialista, Porto Alegre, 1984*. Há outros vestígios que revelam a militante de um partido político: o Partido Trabalhista Brasileiro, conhecido pela sigla PTB.

Num misto de emoção e curiosidade, remexo naqueles papéis com certa pressa, como quem quer descobrir algum segredo nunca revelado. Quem sabe posso ali encontrar um sigilo, um cochicho vindo dos bastidores daquele cenário. Quem sabe consigo indícios dos micropoderes que então se digladiavam no Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Eram (e ainda são hoje) comuns as histórias referentes às lutas internas entre lideranças do movimento do magistério gaúcho. Será que a caixa de Nilce Lea, com papéis ora soltos, ora organizados, poderá servir para reconstituir um pedaço desta história? Paulatinamente, vou relacionando peças. Encontro, a um passar d'olhos, alguns impressos e manuscritos que me dizem: ela andou diretamente envolvida no campo de lutas. Ela guardou papéis, por exemplo, que revelam sua posição acerca de determinadas tentativas de monopolização de militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) junto ao movimento docente. Pelos vestígios, Nilce Lea pertencia a forças antagônicas ao partido que buscava tal hegemonia. Nesse sentido, há um manuscrito no verso de uma folha do VI Congresso Nacional de Professores¹⁰; há também um bilhete, escrito por ocasião de campanha eleitoral para direção do CPERGS, endereçado a uma colega de Chapa¹¹.

Dou-me conta do quanto sou atravessada por estas lembranças, memórias de toda uma história não tão distante no tempo. Gostaria de livrar-me delas por um momento, tentando apossar-me somente da história de Nilce Lea. Mas percebo a impossibilidade de fazê-lo. Estou, mesmo que remotamente, envolvida naqueles acontecimentos. Como descrever nosso próprio arquivo, se é do interior de suas regras que falamos? (Foucault, 1987, p. 150).

¹⁰ Manuscrito no verso de um papel do VI Congresso Nacional de Professores: *Observação – A maioria dos profs. do meu [grupo?] eram PT, se não eram, usavam o chavão do mesmo – o trabalhador. O porquê – Talvez porque no momento de elegerem os candidatos a delegados, como eles são organizados e unidos, eles foram eleitos. Estão se organizando e crescendo. Natal, 22-01-83.*

¹¹ Bilhete: *Julieta – a Fulana [preservo aqui a identidade] esteve na nossa sala e me perguntou se tu eras da CUT, eu respondi que o teu setor na atual diretoria era o entrosamento com todas as associações e entidades. Então ela disse – "Se a Julieta é da CUT, eu fecho com ela". Que achas?*

Histórias que se cruzam: encontro no interior de um dos cadernos (onde constam letras de música e pautas com notas musicais) um cartão de Dia das Mães, datado de 13/5/1962, com uma mensagem de Zilah (imagino que seja Zilah Totta). Tudo leva a crer que Zilah tenha sido diretora da escola onde Nilce Lea atuava naquele momento¹². Surge, então, uma suspeita que merecerá ser melhor investigada: talvez tenha sido por aí a entrada de Nilce Lea no CPERGS, já que os primeiros documentos em ordem cronológica referentes ao Centro, são aqueles que tem Zilah Totta como líder da categoria.

Encontro também dentro deste mesmo caderno uma foto em preto e branco, onde aparecem cinco professoras (uma delas seria Nilce Lea?) e 14 alunos num momento de festa, fazendo pose para a foto. Algumas crianças com trajés gauchescos. Atrás da foto está escrito: "Para Nilse uma lembrança de seu maravilhoso trabalho, Zaira". Na mesma página está datilografado em cor vermelha o seguinte escrito:

As professoras e alunos do Grupo Escolar Ceará, cujo próprio nome é já uma homenagem a um dos valorosos estados do nordeste brasileiro, sentem-se orgulhosas em estar hospedando atualmente duas mestras que vieram do distante e progressista estado de Pernambuco para aqui conhecer mais de perto o nosso Rio Grande, que é também um pedaço deste inenso e amado Brasil.

A aluna..... dançando um típico frevo pernambucano, será a intérprete da grande simpatia com que todos nós, professoras e alunos, recebemos as professoras..... em nosso colégio. (É provável que os pontilhados seriam preenchidos posteriormente, constando desde já, escrito a lápis, dois nomes que provavelmente seriam das duas professoras.

Outros escritos deste caderno parecem ajudar a compor um quadro, onde sobressai o que talvez fosse característica marcante desta mulher, fazendo surgir mais uma suspeita de pesquisa: Nilce Lea seria aquele tipo de professora atuante, organizadora das atividades sociais e culturais da escola? Ouso apostar que ela ia além da apresentação de músicas e versos infantis. Ela, pelo que se apreende dos manuscritos naqueles cadernos, pesquisava informações sobre o significado das festividades, talvez querendo dar maior sentido ao que, de outro modo, poderia apenas representar um cumprimento de calendário.

Interessante também ressaltar que, como já constatado em estudos anteriores que trataram de trajetórias docentes, estes cadernos

¹² A professora Zilah Totta, entre tantas funções assumidas ao longo de sua carreira, "foi diretora do Grupo Escolar Paula Soares, em Porto Alegre, de 1956 a 1962" (ABRAHÃO, 2001, p. 215).

explicitam enunciados católicos transitando por aquela cultura escolar. Não só pelo conteúdo dos textos, mas até mesmo por imagens ali encontradas¹³.

Pouco a pouco aquelas caixas, com aquele repertório de documentos diversos, instiga-me a querer saber mais detalhes acerca de sua dona. Ocorre-me o impulso de ir ao telefone. Certamente não seria difícil falar com um de seus filhos, o pai de Letânia (a neta que me fez chegar o modesto e precioso acervo). Sei onde ele trabalha¹⁴. Sei também que ele teria muito prazer em falar-me de sua mãe. Contenho-me, entretanto. Penso que esta é uma oportunidade de eu fazer um exercício enquanto pesquisadora que tem acesso a fragmentos. Proponho-me a explorar melhores materiais, fazendo o que costumo denominar de *jogos de possibilidades*, permitindo-me levantar hipóteses (por que ter medo dessa palavra?) e quem sabe, então, a partir do que for formulando, ir adiante na busca de outras fontes¹⁵.

Considerações que emergem nesta etapa

O que teria mobilizado Nilce Lea a guardar estes materiais? O que desejava preservar e por qual razão? Por que alguns os arquivava em pastas separadas, outros simplesmente acumulados, sem aparente lógica de classificação? Teria interesse de um dia contar as histórias ali implícitas? Como bem enfatiza Mignot (2000, p. 126), "os velhos documentos guardados possibilitam descobrir pequenos núcleos narrativos, zonas de sombras e luzes (...). Aos poucos, o indivíduo acumula papéis. Existe através deles".

¹³ Encontrei, solto, dentro de um dos cadernos um *slide* com a imagem de Nossa Senhora. Se a tecnologia do material consegue expressar uma visão progressista para a época (década de 50 do século XX), o conteúdo confirma a tradicional hegemonia do catolicismo no interior das escolas públicas.

¹⁴ Trata-se de um dos principais fotógrafos do jornal *Zero Hora*.

¹⁵ Nesta momento do trabalho decidi fazer contato, enviando um mail para a neta de Nilce Lea, que atualmente vive em Belo Horizonte, e que me deu o seguinte retorno: Oi, Beatriz! Fiquei muito feliz mesmo com o carinho que vc tá tratando essa pesquisa que inclui um pouco da história da minha avó Nilce. Minha família vai ficar feliz de poder participar, tenho certeza. Pode ligar pro meu pai qualquer dia pela manhã. Por motivos óbvios, ele herdou os dois álbuns de fotos lindas que ela montou durante a vida. Minha tia mais velha, Teresa tbm vai ter bastante pra contar. Ela e meu pai foram alunos da minha avó. A Betânia talvez lembre de menos coisas, mas tbm pode ajudar. Ela tem um vídeo de uma entrevista que o Jornal Hoje fez com a minha avó sobre a história do Lupicínio ter feito "Esses Moços" pro meu avó, no noivado deles. Qualquer dúvida, é só entrar em contato. Um grande abraço da Letânia (Em 30/5/2004).

Percebo estas caixas como um arquivo que guarda arquivos. Nilce Lea, de certa forma, vive através deles. Seus guardados de ontem agora ajudam a reconstruir excertos de vida desta mulher. Ao mesmo tempo permitem levantar questões a respeito de um momento vivido pelas professoras em suas práticas políticas. A partir desses fragmentos outros nomes e fatos começam compor o cenário. O que posso eu fazer? Buscar singularidades, atribuindo a cada coisa a sua própria medida e intensidade, ou como nos diz Foucault:

(...) manter o que se passou na dispersão que lhe é própria. Não querer buscar uma identidade [quem foi de fato esta mulher?] – (...) o plural a habita, almas inumeráveis nela disputam; os sistemas se entrecruzam e se dominam uns aos outros (...). E em cada uma dessas almas, a identidade esquecida, sempre pronta a renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, e que nenhum poder de síntese domina (1995, p. 34).

Nóvoa (1995, p. 10) fala de se recuperar "um certo paradigma perdido da investigação educacional". Mas ele se refere a desvendar no enredo das vidas de professores, o significado do magistério. Aqui, não se trata especificamente do exercício do magistério. Trata-se também da companheira de um assessor político que marcou época. Trata-se igualmente da militância política de uma professora¹⁶.

Encerrando este artigo, onde o que quis foi repartir algumas reflexões sobre o processo inicial de construção de um projeto de pesquisa, gostaria de lembrar dois ou três pontos que considero importantes: primeiro, que os arquivos pessoais não guardam apenas desejos, aspirações e sonhos individuais, eles são também produtos da sociedade que os configurou, segundo as relações de força que aí detinham o poder (Fávero e Brito, 2003). Nessa perspectiva, poderia eu ver estes arquivos como uma espécie de "dispositivos de resistência"? (Artières, 1998). Segundo, que vale insistir por qual razão Nilce Lea teria guardado tais papéis. Por exemplo, os dois cadernos com letras de canções e atividades didáticas¹⁷. Por que estes e não outros? Haveria ali o desejo de preservar lembranças dos seus primeiros tempos de magistério, quando exercia o papel de professora de música das turmas dos primeiros anos do Grupo Escolar? Teria sido esta uma função que lhe deixou gratas lembranças? Estas e tantas outras questões, aparentemente secundárias, têm afluído à medida que vou adentrando nestas caixas de guardados. Decido, então, listar todas as dúvidas para,

¹⁶ Os indícios revelados até agora por estas caixas fazem crer que ela, no CPERGS, militou muito mais enquanto professora aposentada junto ao grupo denominado *Sempre Ativas*.

¹⁷ Trata-se de letras de canções tradicionalmente ensinadas nos primeiros anos escolares como, por exemplo, versos do folclore gaúcho e nacional ou hinos cívicos.

posteriormente, definir o caminho metodológico, esboçando com maior rigor o projeto investigativo a ser efetivado: devo concentrar o foco em sua vida de professora ou de militante aposentada? Ou quem sabe tentar fontes as mais diversas, buscando elaborar sua história de vida como um todo? Qual o recorte temporal que permitirá maior possibilidade de estudo e análise? Talvez o mais adequado para esta etapa seja esboçar um desenho com todas as relações que os dados atuais possibilitam, para em seguida traçar novos rumos na busca de documentos escritos e fontes orais.

Segundo Ginzburg e Poni (1989) a fragmentação do objeto pode corresponder à fragmentação das fontes. No caso desta pesquisa, cada documento pode remeter a outros que constem, ou não, das caixas de papéis desencadeadoras do processo investigativo; talvez leve a documentos que pertençam a espaços institucionais - escolas por onde atuou como professora ou Centro de Professores - ou mesmo pode levar a registros privados ainda guardados pela família. Cada detalhe manuscrito, ou rascunhado à margem de um folheto impresso - daqueles cuidadosamente por ela preservados - pode remeter a outras fontes e a toda uma rede de conexões. Como tão bem assinala Pesavento (2000, p. 219), as "margens" podem dizer mais do que o centro. Além disso, por tratar-se de estratégia de escala reduzida, a profundidade de análise pode representar um ganho significativo, desde que cada passo seja consistentemente iluminado por referenciais teóricos assumidos ao longo do projeto.

Nesta etapa, quando a curiosidade soma-se ao desejo de desenvolver um sólido monumento investigativo, surpreendo-me com o prazer de fazer buscas *a la Sherlock* - atitude provavelmente rebatida pela intransigência de determinados segmentos da academia. No entanto, é precisamente esta vontade de saber que energiza o movimento para seguir em frente, trabalhando a partir de detalhes, de vestígios aparentemente sem maior importância, mas que pouco a pouco poderão configurar algum sentido. Em outras palavras, a partir de um contexto de referência e através do "acúmulos de possíveis", posso começar "em qualquer ponto da cadeia" (Ginzburg e Poni, p.174) a desenhar enredos, produzindo roteiros em torno da vida de Nilce Lea - uma mulher, professora e militante, que ao preservar alguns papéis estava, sem saber, criando instigantes desafios para pesquisa de nossa história da educação.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1998, p.9-34.

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Org.) *História e Histórias de Vida: destacados educadores fazem a história rio-grandense*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

FÁVERO, M. L. e BRITO, J. Memórias e escritos de um educador. In: MIGNOT, A. C. & CUNHA, M. T. S (Orgs.), *Práticas de memória docente*, São Paulo, Cortez, 2003.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida, In ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Org.), *A aventura (auto) biográfica*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

_____. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico*. Lisboa, DIFEL, 1989.

MIGNOT, Ana C. & CUNHA, Maria T. S. *Práticas de memória docente*. São Paulo, Cortez, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. Esta história que chamam micro. In: GUAZELLI, César Augusto B. et alii, *Questões de teoria e metodologia da história*, Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

Beatriz T. Daudt Fischer é professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS). E-mail: beadf@terra.com.br
--

Recebido em: 10/09/2004

Aceito em: 20/01/2005